



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; G. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

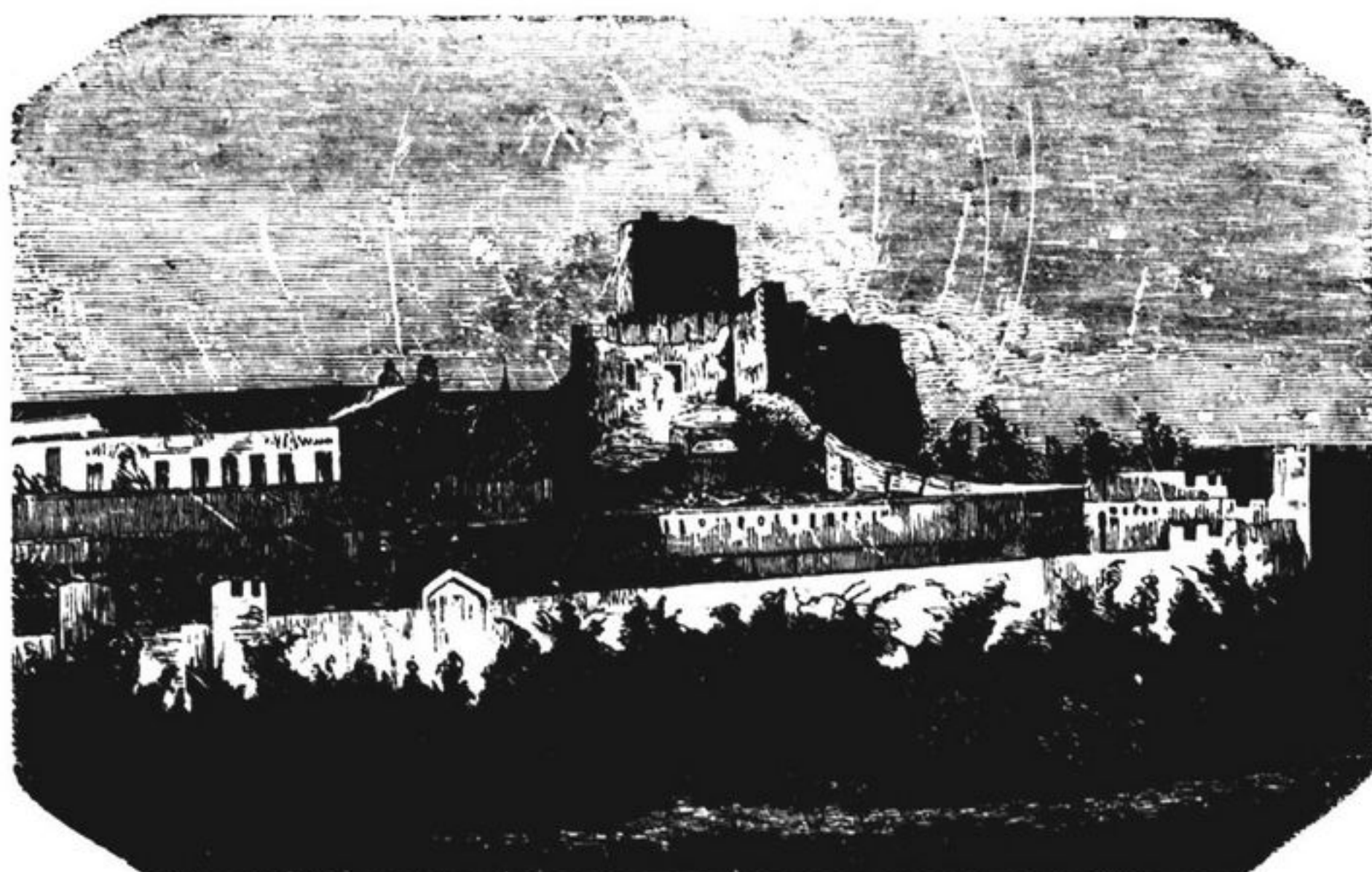
### SUMMARIO

**TEXTO:**—*Chronica*, por Azulay.—*Os doze apóstolos do rei Milhão*, (continuação) por Pinheiro Chagas.—*No fim da missa*, versos, por Eça de Almeida.—*Physionomias parisienses*—*Tolá Dorion*, por D. Guiomar Torrezão.—*O marido da actriz*, conto, trad. de Vidigal Salgado.—*As nossas gravuras*;—*Em família* (passatempos)—*Um conselho por semana*—*A rir*.—*O cô o dos anjos*, conto, trad. de A. Gallis, (conclusão)—*A greve*, conto, por José Maria da Costa.

**GRAVURAS:**—*O castello de Thomar*.—*O dr. João Chrysostomo Milicio*.—*A fama*, (es'atua do esculptor francez. Antoine Mercié)—*O dic'ador de Roma*, Camillo, votando um templo à deusa Concordia.—*O castello de Josselin* (França).

### CHRONICA

No alto da Avenida da Liberdade, essa soberba arteria cheia de luz e de poeira, o que não fica mal por ter uma grande côr local, duas exposições luctaram a golpes de concorrência, vencendo sempre até hoje a pecuaria.



O CASTELLO DE THOMAR

Causa espanto como, com uns simples relevos do terreno e algumas duzias de cavallos e bois, se conseguiu interessar o publico e a côrte. E' que nós somos um paiz essencialmente agricola.

Foi com uma commoção estranha que o lisboeta viu esses bellos campinos, ageis e fortes, n'uma correria phantastica de cavalleiros arabes, subindo e torneando o outeirinho sobre que poisava, grave e solemne, o pavilhão real.

Pela manhã cedo ia o lisboeta em grande toilette vêr a revista do gado, assistir á distribuição dos premios, assombrar os lavradores com as suas luvas; a sua casa e a sua pose.

A exposição pecuaria fez-nos entrever o que hade ser o parque n'aquellas alturas lavadas d'ar, com a sua larga rua circular ensombrada d'arvoredo, os seus oiteirinhos, os seus *flaneurs* elegantes.

A exposição pecuaria, mais feliz do que a industrial, encontrou o terreno proprio. Todos aquelles lavradores e creadores pareciam gente que estava em sua casa.

Agora, a outra exposição, a que tem fóros de cidade, architecturas rendilhadas, côres flammantes, porteiros graves como conselheiros, vae triumphar, livre do pesadelo da sua rival, tão graciosa e tão simples que até teve o *chic* de durar oito dias.

Ainda ha uma pontinha de febre na exposição industrial—é o saber-se que as côrtes não fecharam. E por isso foram tambem ordeuadas sessões nocturnas, quer dizer, exposição á noite.

O aspecto da Avenida em noites de... luar, é esplendido. Chega a conhecer-se o vulto gentil de uma senhora, a alguns metros de distancia.

Contams-e maravilhas de coisas que ainda não foram expostas, e segreda-se nas gazetas onde a reportagem é um culto, que no recinto da exposição vae rebentar uma onda de festivaes digna do applauso de Lisboa inteira.

Achamos isto muito bem entendido e muito discreto.

Uma grande cidade é como um grande salão. Precisa que o gelo da indifferença se derreta ao calor das harmonias orchestraes. Precisa que a multidão se acotvelle, risonha e animada; que as honras da casa sejam feitas com toda a pompa decorativa.

E' por isso, talvez, que o illustre senado municipal, achando exiguo o espaço da Avenida para receber gentilmente a industria e a agricultura, propoz a expropriação por zonas, para alargar o seu principal salão ao ar livre.

Como isto tudo vae ser bonito d'aqui a alguns annos!

E a par d'esses certamens do trabalho onde todas as classes sociaes collaboram, erguem-se e robustecem as flores da caridade, cuidadosamente cultivadas pelas damas mais formosas de Lisboa.

Lá está na Avenida o pavilhão onde se hão-de vender flores para fundar o instituto dos cegos. Depois d'esta tentativa, pensar-se-ha sem duvida na criação de uma sociedade protectora de todas as creanças pobres de Lisboa, como acaba de fundar-se uma na cidade da Virgem.

Depois... Ah! como o campo da caridade é infinito! E que dores crueis ha por ahi a extinguir!

O drama da rua de Rilhafolles, foi uma flor do mal que é necessario arrancar pela raiz.

Um pae louco, uma mãe com fome, uma creancinha sem leite, quatro dias sem pão!

Eis o titulo sombrio de um livro de emocionar as pedras—«Quatro dias sem pão!»

Pensaes talvez, os que o tendes em abundancia nas vossas mezas, que seja este um caso sporadico? Oh! as grandes cidades teem os grandes mysterios, tanto mais terriveis e sombrios, quanto essa bandeira negra da «pobreza envergonhada» recolhe nas suas dobras palpitan-tes os gemidos dos que baqueiam na lucta pela vida.

E hoje, senhores, lucta-se tanto! Cada dia são arre-messados á arena novos combatentes, reluzentes de esperança, couraçados de illusões.

O *ricтус* tremendo que se encontra nos labios d'esses cadaveres de desesperados, é o reverso da medalha da nossa perfectibilidade social, que taes cousas permite.

Por isso, senhores, a caridade abre as suas azas d'ouro e flores, de risos e alegrias, cada dia em maior envergadura, á maneira que a dôr alastra e que os entes pequeninos trocam os seus hymnos infantis pelo grito dilacerante que pede pão.

E é tão triste não ter pão n'esta quadra de folgedos populares!

Como as creancinhas pobres devem achar amargas estas vespersas do S. João, Santo Antonio e S. Pedro!

Como este desabar de velhas crenças religiosas e pacatas, a que varios philosophos de luneta chamam—epoca de transição, deve gravar na alma da juventude um traço de amargura que jámai se apagará!

Aquellas ingenuidades d'outrora, foram-se. As sortes de papel com nomes, postas ao relento n'um pratinho com agua, e que ao doce pallor da alvorada se encontravam abertas? E o ovo quebrado dentro de um copo com agua? Que deliciosas creancices! Como os velhos sorriam maliciosamente, vendo a cega fé das meninas e dos rapazes no milagre da meia noite!

Hoje, a chronica elegante dos jornaes mundanos accusa, desde o Porto até Lisboa, uma derrocada medonha em todas essas inoffensivas pieguices. Já não ha os pittorescos thronos de Santo Antonio, nas lojas e nas escadas, na heroica cidade do Douro. Em Lisboa, tambem elles vão rareando, resistindo apenas, n'um bruxolear de agonia rimada, o verso espetado no cravo de papel e o vaso de mangerico que o homem do povo leva estreitado ao coração, dir-se-ia com receio de que a civilisação requintada lh'o arranque.

Dizem ao energico e poetico filho do povo que vá para o theatro n'estas noites calidas em que elle desejará antes dançar ao som de uma viola, sob um manto de estrellas; e elle vae, e sae de lá aborrecido e triste, diante da zarzuela e da opera buffa.

O espectáculo genuinamente portuguez para estas noites de festa popular, está ainda á espera de um empresario intelligente e patriota ou de um municipio que saiba comprehender o seu papel democratico, dando ao povo—o pão, o ensino e a festa. Não a festa moderna, porque essa impõe-se por si mesma, mas a que tem as suas raizes na tradição, que é preciso não deixar apagar, porque ella conserva na grande alma popular o fogo sagrado da patria, o unico que sobrevive a todas as catastrophes, o unico que sacode todas as indifferenças, o unico santo e sublime que acompanha o homem até á beira do tumulo.

Só a patria é grande.

O cosmopolitismo artistico tem-nos trazido cantores e actores dramaticos de Hespanha e França para os theatros populares.

Em Lisboa e Porto, conhece-se perfeitamente a opereta franceza e a zarzuela, e com esses dois generos, os costumes populares dos dois paizes; mas agora, um empresario recémchegado do Brazil, principia a importar actores brasileiros, os quaes decerto representarão o repertorio nacional do Brazil moderno.

Isto aproxima-se mais da nossa cara patria e deve interessar summamente a um povo que tem colonias a educar, isto é, novos Brazis a crear, como eterno padrão da gloria immorredora do nome portuguez na futura evolução colonial.

AZULAY.

## Os doze apóstolos do rei Milhão

11

Descrevemos no nosso artigo anterior o modo como Jay Gould desenvolveu os recursos financeiros da sua casa a ponto tal que, depois de ter travado com o governo americano essa lucta formidável do ouro contra o papel, a que bem se pôde chamar a batalha de Wall-Street, chegou a possuir um rendimento superior a todas as listas civis dos soberanos europeus, e igual á receita de alguns dos Estados de segunda ordem. Uma receita quasi de 12.000 contos era ainda, ha pouco mais de 30 annos, a receita de Portugal.

A outra physionomia de millionario digna de ser estudada n'este rapido esboço é sem duvida alguma a de Cornelio Vanderbilt, o rei da navegação a vapor, como Jay Gould é o rei dos caminhos de ferro. Este ultimo é o deus Milhao da terra, o outro é ou era o deus Milhão dos rios e dos mares.

Cornelio Vanderbilt pertencente a uma familia hollandeza, como o seu nome o indica, a uma d'essas familias que foram as primeiras a povoar a cidade hoje populosissima de Nova York, nasceu tão absolutamente destituido de recursos que principiou a ganhar a sua vida como barqueiro.

A' força de economia, de perseverança e de energia juntou os meios necessarios para ir comprando barcos, para ir ampliando o giro da sua industria de transportes, e a pouco e pouco foi aglomerando capitaes consideraveis.

Um bello dia porém, quando já era millionario, mas millionario modesto, um d'aquelles pulentos anonymos, que não figuram nas listas da *alta finança*, vio um grande negocio a fazer. A California começava a attrahir uma emigração endoidada pela febre do ouro. Para transportar todos estes emigrados avidos de riqueza exigia uma companhia de navegação, que desembarcava os seus passageiros no Atlantico, no istmo de Panamá, e os recebia no Pacifico a bordo de outros vapores, sommas consideraveis pelos bilhetes. Vanderbilt escolhe outro caminho, ainda atravez do istmo mas por Nicaragua, e reduz as passagens a meio preço. De um momento para o outro roubou todos os freguezes á companhia rival, e começou a ganhar cerca de 900 contos por anno.

Então a riqueza de Vanderbilt, impellida pela velocidade adquirida, não parou mais no seu movimento ascensional.

Vanderbilt não era porém, como J y Gould, um especulador avido, que não hesitava em ser a causa da ruina do seu paiz, se d'essa ruina lhe resultasse um enorme lucro pessoal. Vanderbilt era um jogador audacisissimo, que arriscava tudo n'um lance, mas que ao mesmo tempo não hesitava em fazer pela causa nacional os mais serios sacrificios; Jay Gould é um banqueiro manhoso, um verdadeiro Semita; Vanderbilt é um homem que conquista a riqueza como no seculo XVI se conquistavam imperios, rude e energeticamente, um verdadeiro Arya.

Teve treze filhos—sendo quatro rapazes e nove meninas. Um dos filhos, recebendo como empregado na casa paterna um pequeno ordenado, apaixonou-se por uma gentil menina e casou com ella contra vontade de seu pai. Este, rude e severo, negou-se absolutamente a auxiliá-lo, mas o rapaz lá foi ganhando a sua vida sem lhe pedir soccorro, e juntou emfim o necessario para comprar uma quinta, que lavrava, e que ia prosperando rapidamente. O pai começou a seguir com certo interesse o trabalho de seu filho, mas sem lhe abrir os cordões da bolsa.

Um dia, esse filho que se chamava William, propoz-lhe que lhe vendesse para adubo das suas terras o estrume das vastas cavalariças que possuia.

—Quanto me dás tu? perguntou o velho Vanderbilt.

—Quatro dollars por cada carregação.

—É um asno, pensou o pai: não entende nada de commercio. Pagando as coisas por este preço, arruina-se em pouco tempo. E fez o contracto.

No dia seguinte foi assistir ao embarque do estrume na barcaça do filho. Estava atulhada.

—Quantas carregações levas tu ahi? perguntou-lhe o pai.

—Quantas carregações? Uma!

—Estás a brincar; não estão alli menos de trinta.

—Nada! isso lá, peço desculpa. Eu, quando compro uma carregação, considero sempre que fica sub entendido que uma carregação significa tudo quanto cabe na minha barcaça.

O pai ficou a olhar para elle estupefacto, e de orelha caída O maganão do filho saíra-lhe muito mais esperto do que elle suppunha, tanto que até o enganava a elle.

D'ahi por diante começou a tratar o filho com muito maior consideração, não tardou a auxiliá-lo nos seus negocios, e pouco depois estava William Vanderbilt á frente dos collosaes haveres de seu pai.

Estes Vanderbilt constituem já hoje uma dynastia. Por isso a imprensa americana, que tem pelos millonarios um grande respeito admirativo, tem-lhe consagrado grandes artigos, e até livros, entre os quaes figura o que servio de guia a mr. de Varignon, e que se intitula *The Vanderbilt*.

William foi de um genio muitissimo differente. Emquanto seu pai todo se empenhava na lucta financeira, fazendo commercio estrategicamente, como se pode fazer a guerra, William Vanderbilt consagrava apenas á direcção dos seus negocios um trabalho perseverante e aspero, extremamente fatigador. Por isso é curioso ouvir o que pensava a respeito da sua posição esse homem que revolvía centenaes de milhões:

«Uma riqueza de 200 milhões de dollars (mais de 180.000 contos de réis) é um fardo demasiadamente pesado para um homem. Esse peso esmaga-me e mata-me. Não quero impôr semelhante situação a um dos meus filhos. Não colho prazer algum com isso, nem tiro o minino bem. Em que sou eu mais feliz do que o meu visinho que possui meio milhão? Saboreia elle muito mais que eu os verdadeiros gozos da vida. A sua casa vale tanto como a minha, a sua saúde é melhor, viverá mais tempo do que eu, e elle, ao menos, pode fiar-se nos seus amigos. Por isso, quando a morte me livrar das responsabilidades com que eu carrego, quero que meus filhos repartam entre si, juntamente com esta riqueza, os cuidados e as amarguras que ella impõe.»

Estas palavras são o trecho de uma carta que elle escrevera a um dos seus amigos, e devem causar uma surpresa suprema a todos os ambiciosos, a todos os que fazem constituir nas immensas riquezas a suprema felicidade. Assim, da mesma forma que o presidente dos Estados-Unidos pede ao parlamento que o livre dos saldos positivos, o archi-millonario americano pede a Deus Nosso Senhor que o livre da sua fabulosa riqueza. Não é isto porém uma prova nem de que a organização da republica dos Estados Unidos seja superior á das nações europeas, nem de que o caracter dos millonarios de além do Atlantico seja mais nobre e mais desprendido do vil interesse do que os dos millonarios de cá. Prova isto simplesmente que o meio americano é differente do nosso, e não lhe é superior. N'um paiz onde haja pelas artes, e por tudo quanto nobilita o espirito humano, um verdadeiro culto, n'um paiz onde cada um pense um pouco na miseria dos seus visinhos, um millionario tem sempre em que empregar o seu dinheiro, por mais abundante que elle seja. E' necessario haver n'um paiz uma indifferença completa pela arte verdadeira, e pelos que luctam no grande combate da vida, para que um millionario possa dizer que o fardo da sua riqueza o esmaga e o mata.

O que é mais curioso porém é que este homem, que achava a riqueza pesada, e que parecia não perceber que nada havia mais facil do que diminuir-lhe o peso, deixou por testamento em esmolos, em dadas, em obras de caridade, a quantia verdadeiramente colossal de noventa mil contos de réis. Por seus filhos, Cornelio e William, que já eram immensamente ricos, dividio os outros noventa mil contos da sua riqueza. A proposito d'esse testamento escrevia um jornal de New-York, o «Sun»:

«Nunca um homem assignou semelhante documento. Tem-se visto fallecer reis que legam immensos thesouros, imperadores fugir levando nas suas carrças cofres atulhados de riquezas; financeiros fazer saltar milhões nas suas mãos como os saltimbancos fazem saltar as bolas, mas nunca se vio um simples particular distribuir a seu capricho, em munificencias incalculaveis, milhões sobre milhões em dinheiro solido e palpavel. Fica a imaginação confundida diante d'esse escorrer de ouro, diante d'essas centenas de milhões, palavras cujo sentido e cuja significação escapam ao entendimento, que a gente só pode apreciar approximativamente e por comparação, que designam comtudo realidades que a vontade de um homem distribue, para a direita e para a esquerda, como se se tratasse de maçãs maduras.»

Este homem, que teve esta extraordinaria munificencia, não se atrevia a alliviar os seus hombros, emquanto vivo, da carga d'essa riqueza! E' que a prodigalidade, que possa cercear as riquezas de um grande capitalista americano, é quasi um crime. E' desprestigiar o culto do Deus Milhão.

Fallámos do rei dos caminhos de ferro, e do rei da navegação; fallariamos tambem no rei do jornalismo, James Bennett, editor do *New-York-Herald*, se a historia d'este ultimo, graças sobretudo ás aventuras do seu correspondente, o famoso Stanley, não fosse muito conhecida do publico.

## NO FIM DA MISSA

Vivit sub pectore vulnus...  
(Virgilio, Eneida, Liv. IV, v. 67)

O templo estava cheio, o bispo officiaava:  
Um perfume subtil e célico emanava  
Dos thuribulos de ouro, em nuvens, mansamente...  
Enchiam de tristeza o mysterioso ambiente  
Da enorme cathedral repleta de arcarias,  
Os canticos finaes e as velhas melodias  
Do orgão sacrosanto; andava pelo ar  
Um murmurio subtil de vozes a rezar...  
Na fria solidão dos nichos das capellas,  
Entre a pallida luz tristissima das vélas  
E o morno vacillar das lampadas sagradas,  
Erguiam com doçura as fontes maceradas,  
Fitando a colossal abobada do templo  
Co'os seus olhos mortaes sem expressão nenhuma,  
Os martyres que a igreja aponta como exemplo,  
Depois, já mais adiante, os santos e, em summa,  
Toda a cõrte do ceu innumera, infinita.  
Inspirando-nos dó, chamando á oração,  
—Esse fogo do céu que em todos nós crepita.—  
Como typo de amor, de paz e de perdão,  
Uma imagem do Christo esplendida, admiravel,  
Tendo sangue a escorrer da fronte veneravel  
E abertos para o povo os magros braços nus,  
Parecia expirar do alto de uma cruz  
Enorme de pau santo; as vozes dos cantores,  
Misturadas com o cheiro exotico das flôres,  
Diffundiam-se no ar em ondas de harmonia...  
Na vasta cathedral tão magestosa, havia  
Um trémulo rumor de uma frescura immensa,  
Que punha a nossa alma extatica e suspensa  
Na vaga adoração do bello indefinido:  
Era quando se ouvia a seda de um vestido,  
Roçando no lagedo alvissimo da igreja  
Co' o leve sussurrar d'um passaro que adeja  
Pela primeira vez, ou quando, de repente,  
Já morta de calor,—o que não era raro,—  
Uma dama elegante abria, docemente,  
O seu leque da China immensamente caro.  
Em seguida depois tudo ficava quieto  
N'um silencio maior, mais profundo e completo.  
Outras vezes, soltando uns guinchos agudissimos,  
—Guinchos de tal maneira estridulos e frios  
Que partiam da igreja os canticos suavissimos,  
E faziam sentir na carne os arrepios  
Que sente uma mulher vibratil e nervosa  
Ao ouvir, quando a aurota as palpebras descerra,  
A mão d'um operario herculea e musculosa  
Co'uma lima apontando a folha de uma serra.—  
Rangia lá ao fundo o enorme guarda-vento  
E abria-se uma porta: então, n'esse momento,  
Entravam pela igreja, aos bandos, como as aves,  
Raparigas do campo esbeltas e formosas  
Que acordavam o écho oceanico das naves  
Co' o seu riso infantil, e que eram tão airozas  
Que faziam lembrar princezas disfarçadas,  
Tal era a gentileza altiva do seu porte!  
Semelhantes na forma, á forma das arcadas,  
As janellas do côro olhavam para o norte:  
Eram altas tambem, rasgadas, ogivaeas,  
E, como era no verão, estavam entre abertas,  
De forma que se via ás vezes os pardaes,  
Voando, largamente, em curvas deseguaes,  
Nas campinas do azul enormes e desérticas  
Cheias da luz do sol. Junto do altar mór,  
Revestido do manto immenso episcopal,  
O bispo erguia a voz potente de tenor  
Nas arcadas sem fim da velha cathedral.  
Tinha se dito a missa: o povo silencioso,  
Prostrado e reverente, humilde e respeitoso  
Esperava que o bispo a benção lhe deitasse:  
Se n'aquelle momento uma mosca passasse  
Zumbindo pela igreja, ouvir-se-hia até!  
O bispo officiaava altivamente, em pé,  
E o seu vulto distincto e cheio de belleza  
Na vasta cathedral cheia de povo, e accessa  
Com lustres collossaes, tinha um tom que eu nem sei  
Se o posso comparar á distincção de um rei!...  
Gom a grande bondade angelica dos velhos,  
O bom prelado então voltou-se, gravemente,  
P'ra enorme multidão que estava de joelhos  
E levantou o braço... então, subitamente,  
Como se o ferisse um raio,  
Passou a mão eburnea e magra pela testa  
E foi cahir no chão, victima de um desmaio,  
Sobre os degraus do altar!

E' que, ao findar a festa,  
O bispo distinguira entre essa multidão  
Que rezava aos seus pés constricta e arrependida,  
Rezando alli tambem co'a grande devoção  
D'uma alma que soffre, uma mulher vestida  
De lucto, cujo olhar sem luz, turvado e baço

E o resto já sem cor, pallido como a cera,  
Revelavam a dôr, a tristeza e o canção  
Cheio de horror, o bispo então reconhecerá  
N'essa mulher já velha e exhausta de chorar,  
Que rezava encostada á hõmbreira d'uma porta,  
A mulher que adorara antes de se ordenar  
E que de ha muito já elle suppunha morta.

Lisboa, 1888

EÇA DE ALMEIDA

## Physionomias Parisienses

## TOLÁ DORIAN

(Jacqueline)

A mão estendida—uma pequenina mão que aperta virilmente a nossa—olhos ternos e quasi receiosos, o sorriso de uma graça simultaneamente altiva e timida, e no rosto o rubor infantil, invadindo a fronte, as faces e até o pescoço, fragil e muito branco.

Sob a epiderme pallida, vê se o sangue correr, e eu penso n'esse espectáculo, tantas vezes entrevisto: os Alpes cobertos de neve, purpureados de subito, quando á hora do crepusculo o sol os beija na fronte.

E' isto—mesmo moralmente.

Esta alma de slava é cheia de gelo; esta alma de poeta é cheia de fogo.

Aquella que tenho na minha presença chamou-se a princeza Mestchersky, chama-se hoje a sr.<sup>a</sup> Dorian,—é a gloria e a honra de uma familia habituada aos exitos da fabrica e do banco.

Mas chama-se tambem Tolá—nome estranho—e era assim que a designavam os dois homens de genio que aperfeiçoaram esse cerebro, que formaram essa intelligencia.

Foi discipula de um e quasi filha do outro.

Conspirou com Trubetskoy, e converou com Hugo.

Eis ahi porque os seus POEMAS LYRICOS teem um sabor tão violento, um vôo tão alto, e contradicções dolorosas, como se houvesse n'esse coração fibras dilaceradas. Dir-se-ha a *Marcha funebre* de Chopin, executada por uma tzigana em um violoncello desafinado. Penetra-nos a mesma desoladora amargura, a mesma sensação de supplicio refinado, de voluptuosidade cruciante.

E assimelha-se tão pouco ás concepções femininas, quasi sempre saturadas de puerilidade e affectação, é tão pouco *bas bleu*, que experimentei o desejo de ver a mulher, depois de ter visto a obra.

Assaltou-me, porém, um certo receio.

Uma das alegrias d'este mundo, quando acabamos de ler um livro, de fitar um quadro, de contemplar uma estatua, é diligentarmos conhecer o autor e achal-o semelhante á visão que evocáramos.

Apresso-me a acrescentar, que raro se nos depara esta alegria, visto como na maioria dos casos, o romancista, o pintor ou escultor são a viva negação da sua obra, e que n'esta exploração do ideal arriscamo-nos a perder o melhor das nossas illustrações.

D'esta vez, não succedeu assim,—oh! não!

Tolá Dorian transmittiu todo o seu pensamento, todo o seu ser ás paginas onde palpita o seu coração. Quem a ler conhece-a, como eu a conheço hoje.

E é esse o motivo porque, em vez de offerecer ao leitor folhas arrancadas do livro, folhas mortas despregadas da arvore, prefiro fallar-lhe d'esta personalidade tão curiosa e tão profundamente attrahente.

Tolá é russa, já o disse.

Nobre, colossalmente rica, nasceu e desenvolveu-se á sombra do throno. Sua mãe era dama de honor da imperatriz, seu pai era um boyardo como alguns outros que existem n'aquelle paiz, possuindo territorios do tamanho dos nossos departamentos, em todos os pontos da Europa.

A infancia da pequenina slava foi uma apothese.

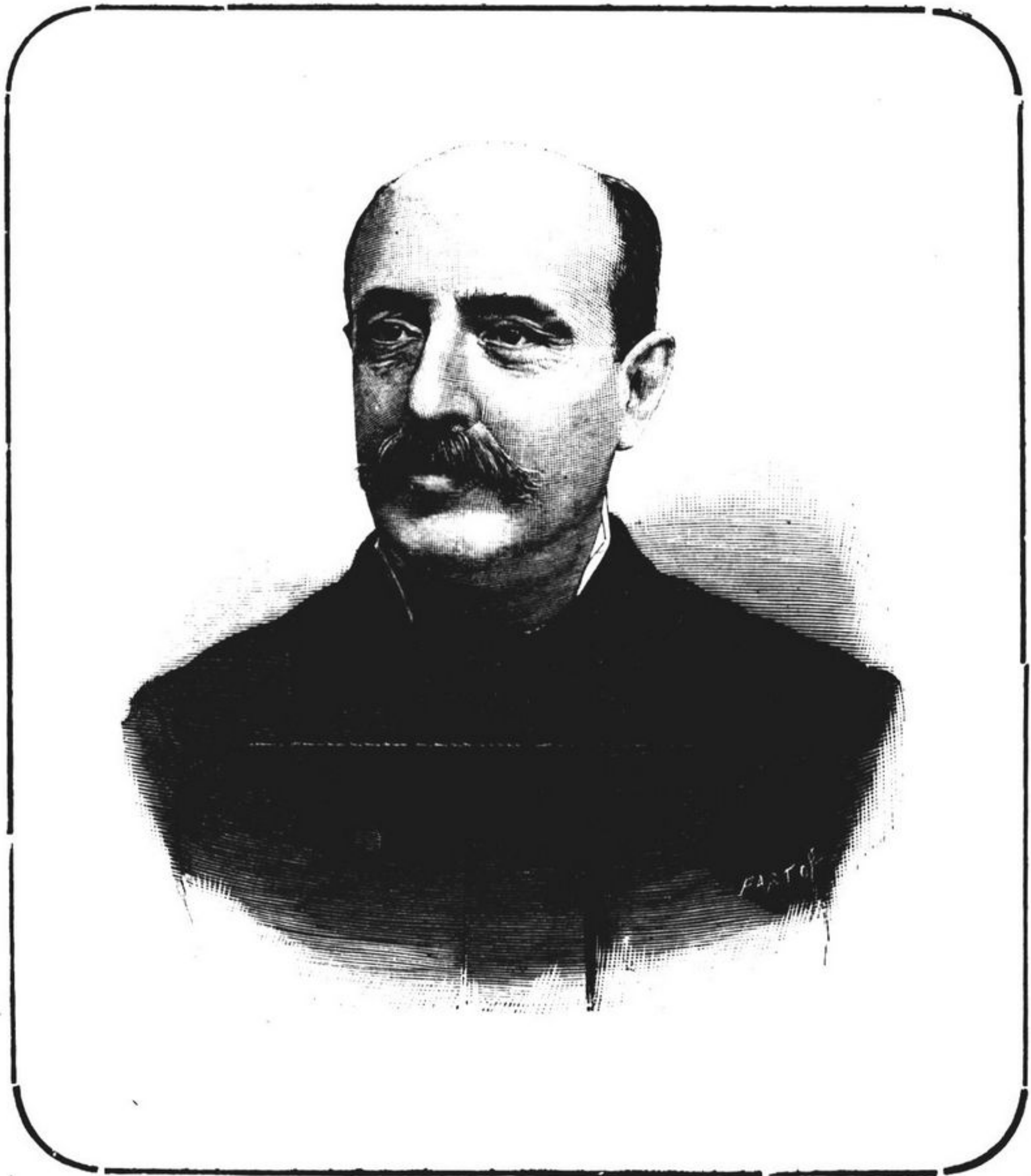
Linda, boa, intelligente, extraordinariamente arrojada, Tolá recebeu essa extravagante educação slava que consiste em ensinar ás meninas a ler, escrever, fumar e montar a cavallo.

Esta educação produz creaturas seductoras, phantasticas e sinceras, que ao soffrerem o attrito da nossa civilização, são implacavelmente votadas á desgraça e á morte. Lembrem se de Sophia Galitzin, duqueza de Chaulnes, e d'essa pobre adoravel Feyghinel...

Tolá foi menos infeliz, porque trazia no espirito a flamma do genio, e porque a sua vontade dominou a sua desventura.

E entretanto, que tormentosa existencial...

Aos quinze annos, o czar casou-a com o principe Mestchersky que tinha vinte annos. Estes casamentos de bonecas, quasi sem-



O DR JOÃO CHRYSOSTOMO MELICIO

pre dão mau resultado,—tres annos depois, estavam divorciados.

Eil-a, aos dezoito annos, quasi viuva, doidamente rica, bella, como uma princeza de contos de fadas, arrastando atravez das salas do palácio dos Romanoff o seu coração arido e o seu pesado fastio.

Alludi á educação slava, e omitti uma particularidade, que influíu n'esse futuro.

As meninas nobres que nascem nos campos ou nas provincias, vivem em um pé de egualdade com todos quantos, no povo, são pastores ou cavalleiros. Tratam por tu os lavradores e recebem d'elles egual tratamento; qualquer alquilador é seu amigo.

O seu desdem, a altivez da sua raça reservam-a exclusivamente para os fornecedores e logistas,—classe intermediaria, que explora, simultaneamente, os caprichos dos grandes e as necessidades dos pequenos, o luxo de uns e a miseria dos outros.

E' essa a burguezia da Russia; Tolá votou-lhe desde pequena um desprezo instinctivo.

Em seguida ao seu casamento, desgostosa dos seus eguaes, desdenhando a classe negociante, Tolá devia fatalmente voltar-se para aquelles que tinham sido os companheiros da sua infancia, para a vasta população rural cuja sorte é, na Russia, tão digna de interesse e piedade.

E pela primeira vez na sua vida, attraiu lhe a attenção o povo das aldeias, o formigueiro das fabricas, o enxame das officinas.

A sua ociosidade interessou-se por essa sociedade laboriosa; e como amára, em criança, os operarios da charrua, começou tambem a amar os artifices da ferramenta.

Tudo isto, inconscientemente.

Um bello dia, o acaso approximou-a de Troubetskoy, o grande agitador russo.

Foi uma revelação.

Tolá sentiu n'elle um chefe; Troubetskoy comprehendeu que tinha n'ella um maravilhoso instrumento de revolta.

Começou a conspiração.

De um dia para o outro, Tolá abandonou a sua casta, o seu luxo e até as suas *coquettries* de mundana.

«Simplificou-se», como se diz alli.

A princeza Mestchersky, vestida de burel, com os cabellos cortados, as unhas razas, votou-se ao aspero labor das operarias das fabricas, formando proselytos, creando almas, lendo o Evangelho—o codigo da egualdade—a femeas que á sua voz se transformavam em mulheres!

Durante esta luta, viu sua irmã, no goso pleno das suas faculdades mentaes, enterrada em uma prisão de doidas, viu os seus melhores companheiros sepultados em fortalezas ou exilados para a Siberia, viu as suas mais queridas amigas enforcadas ás mãos do carrasco—e depois de uma ultima e sobrehumana tempestade,—foi afinal arrojada para o territorio da França, como um despojo, em seguida a um decreto de desterro, que confiscava todos os seus bens.

Mas seu pai—que a adorava—dispunha ainda de um opulento capital; poucos annos mais tarde, Tolá unia o seu destino ao de Dorian.

Viveu então durante algum tempo como uma burguezia, em um meio de abastados, inteiramente incompativel, tanto á princeza como á nihilista.

E o tédio colheu-a de novo nas suas garras de mocho!

E' certo, porém, que o destino protege certas existencias.

Hugo notou a melancolia d'essa slava pallida, que fallava apenas e sorria pouco. Conversou com ella, mostrou-se bom como o era invariavelmente em presença do desgosto de uma mulher ou da dôr de uma creança.

Victor Hugo era então, a despeito de todas as apotheeses, um pobre velho de 75 annos, muito mais avô do que burgrave, conservando do seu genio grandes relampagos que, por vezes illuminavam a conversação, mas que se apagavam logo—como esses clarões fugazes que sulcam o horisonte estrellado das noites de verão, sem que o trovão faça ouvir a sua voz sonora e sem que o raio vibre a sua chamma deslumbradora. Tolá Dorian viveu então a sombra d'essa velhice—protegida pela idade avançada de Hugo contra todas as suspeitas e todas as calumnias.

Residia nas visinhanças do poeta, e ia todos os dias levar-lhe uma parcela da sua gentileza, da sua mocidade, da sua alegria reflectindo no avô jubiloso e irradiando do Mestre inspirador. Para acompanhal-o, Tolá renunciou aos seus passeios solitarios de *ccuyère* intrepida; foi por esse tempo que os viram passar ambos, ao galope de um carro leve e veloz, guiado por Tolá e tirado por um pequeno cavallo da Ukrania, flexivel como uma gazela e docil como um cão.

Chegou a hora da catastrophe.

Tolá não abandonou a cabeceira de Hugo durante a sua agonia. assistiu á sua morte, velou no Arco do Triumpho e seguiu-o ao Pantheon.

Depois, voltou para a sua dôr e para a sua obscuridade.

Hoje, o livro que ella nos dá é, como já disse, o seu proprio coração,—ha lagrimas crystalisadas, como flores de recordações, em todas as suas paginas.

E' a obra de uma ulcerada, e conforme ella o disse em uma invocação pungente:

Pour les baisers qui m'avaient asservie,  
Pour les poisons que ta bouche a versés,  
Pour tous les pleurs envenimant ma vie,  
Les fers sanglants dont les flancs sont blessés,

Les sifflements de tes rires sans trêve,  
Les verts serpents dans mon sein enlacés,  
Le grand soleil dont tu doras mon reve,  
Je te rends grâce et je te crie: «Assez!»

A princeza está morta; a nihilista dorme:—saudo-te, ó poetisa! que comprehendeste que a Arte é o repouso e a suprema consolação!...

GUIOMAR TORREZÃO.

## O MARIDO DA ACTRIZ

(De Guinon)

Um homem pode casar com uma actriz continuando a ser um cavalleiro perfeitamente correcto. O que pode acontecer é ficar, talvez, mais exposto do que qualquer outro, a ser infeliz; isto, porém, é querer forçar muito a hypothese.

Mas um homem casado com uma actriz faz muita differença do marido da actriz.

Ha uma distancia infinita entre estas duas individualidades.

O homem casado com uma actriz vive fóra da orbita artistica de sua mulher. Pode fallar-se muito d'ella, mas a respeito d'elle nem meia palavra.

O sujeito começa a ser marido precisamente no momento em que ella deixa de ser actriz.

O marido da actriz, esse não, esse desposa não só a mulher, mas a profissão que ella exerce. E' um individuo investido de um cargo semi official, para quem o lar domesticó é como o *foyer* do theatro. Um sujeito, emfim, que do fundo da alcova conjugal expede noticias para os jornaes.

A feição essencial do marido da actriz é, pois, o seu character perfeitamente profissional. Desempenha as funcções, ou mais precisamente, exerce um cargo pelo qual poderia muito justamente pagar direitos de mercê e figurar no orçamento do estado.

Ha por ahí muita gente de vistas acanhadas, que embirra com elle por isso; pois não tem razão... O marido da actriz é uma necessidade social.

Na epocha em que vivemos, digam lá o que disserem, o preconceito contra os artistas de theatro ainda não está extincto. Não se apregoa, não se proclama, mas existe.

A actriz, essa principalmente, seja qual fór o esplendor do seu talento, acha-se fóra da esphera das conveniencias sociaes. Superior a todas as especies de sociedades, não pertence rigorosamente a nenhuma. Festejam-n'a, exaltam-n'a, aclamam n'a, mas ninguem procura a sua casa. Como artista, pode valer muito; como mulher da sociedade, não vale nada!... Fóra do theatro os seus intimos são: ou os collegas em exercicio que lhe invejam o talento e lhe mordem na pelle, ou os que estão na disponibilidade, ou reformados, que a exploram. As mulheres sérias dirigem-se algumas vezes a ellas, mas unicamente para lhes pedirem algum favor. Quanto aos homens, esses, se as procuram é sómente para lhes faltarem ao respeito. As homenagens que lhes dispensam, as finezas que lhes rendem, os elogios que lhes prodigalissam, são um capital de que esperam auferir grossos lucros...

Ora é d'aquí que dimana para a actriz a necessidade de um marido. E' este que então lhe procura relações, povoando d'este modo a solidão em que ella tinha vivido. O marido é o echo complacente dos seus jubilos e ao mesmo tempo em que ella descarrega as suas iras; tanto mais que o nosso homem tem uns laivos de inferioridade que as mulheres de theatro gostam de ver nos individuos que tratam com ellas.

Aqui teem o ponto de partida e a razão de ser da entidade chamada o marido da actriz. O seu papel, porém, não se resume unicamente n'isto: é muito complexo.

O genuino marido de actriz comprehende em sua consciencia que tem para com o mundo uma missão a cumprir e que primeiro do que tudo deve a sua mulher ao publico. Para ella, o marido é o empregario d'esta longa circumvolução chamada a vida. O marido occupa-se de tudo; não só do que envolve as mais graves



**A FAMA**

(ESTATUA DO ESCULTOR FRANCEZ. ANTOINE MERCIÉ)

questões, como também dos mais insignificantes interesses de sua mulher. Consola-a nos desgostos; dá o seu voto nas questões de toilette; regula discretamente as suas despesas e emprega convenientemente as suas economias. É a um tempo anjo tutelar, aia, e agente de cambio.

Sob o ponto de vista artistico, o marido identifica-se a tal ponto com ella, que chega a perder completamente a noção de que ella e elle sejam dois seres distinctos. E senão, ouçam-n'o. Elle nunca diz «elle:» diz sempre «nós». Nós escripturamos nos por toda a epocha. Nós faremos beneficio este mez. Nós tivemos uma casa á cunha, etc. Tal qual como os advogados, que chegam a confundir-se com o seu cliente e até mesmo a substituir-se a elle.

Assim, pois, o nosso homem participa largamente dos triumphos de sua mulher; não como qualquer outro marido, que partilhasse, por tabella, das fortunas da consorte, mas sim ufano da gloria, como se fôra pessoal.

Quando, n'uma primeira representação, o publico enthuziasmado clama—bis—ao fulgente astro da scena, sente que os applausos veem reflectir-se n'elle, modestamente escondido atraz de um bastidor. Nas chamadas dos finais de acto, quando a actriz vem jubilosa agradecer ao publico, o nosso heroe desdobra-se em pensamento e julga-se arrastado por ella perante a multidão ébria de enthuziasmo!

Quando pois ao sahir de scena lhe arremessa um braço das flores que recebeu do publico, esse braço de flores não é um fardo de que ella se desembaraça, mas sim uma restituição que lhe faz!

\* \* \*

O marido da actriz não exige que a consorte seja d'uma esculpida honestidade; elle sabe muito bem que uma actriz n'uma virtuosidade arrisca-se a não alcançar as boas graças do publico, e elle não quer de modo algum que ella um dia lhe lance em rosto o ter-lhe estorvado a sua carreira. Reconhece que se praticasse um acto de indignação, cahiria no ridiculo, ao passo que, pelo contrario, elle pode assumir toda a superioridade acceitando os factos consumados. A hypothese de ser enganado por sua mulher não entra na ordem das suas considerações; entende que na maneira porque ella procede com os seus adoradores, representa o papel mais importante do seu repertorio. O mais que faz é prevenir alguma tolice graúda, dirigindo-lhe prudentemente os passos de maneira que a escorregadela não seja escandalosa. É o para-quadras.

Nas relações com os admiradores de sua mulher, conserva rigorosamente o seu logar a meia distancia da humildade que amesquinha o seu character e da arrogancia que poderia prejudicar os interesses da artista. Mantem inalteravelmente, na presença d'elles, o seu logar de dono de casa. Em meio d'umas leviandades de sua mulher com um ou outro, conserva imperturbavelmente a indissolubilidade das relações matrimoniaes; a autoridade sacramental emfim!...

Não requer de taes sujeitos testemunhos irrefragaveis de amizade; não senhor!... exige-lhes apenas que sejam delicados! No dia em que percebe que qualquer d'elles o trata por cima do hombro, far-lhe-ha sentir muito a proposito que elle é não só nente collaborador com elles, mas até o chefe da collaboraçãol... Se, porém, ao contrario, observa que procedem correctamente, é elle o primeiro a prodigalisar-lhes as mais affectuosas provas de estima, mais do que amigavel, paternal... É de ver como n'este caso se estabelece entre elle e os favoritos de sua mulher, uma intimidade franca, descuidosa, e ao mesmo tempo com um certo cunho artistico com que a infidelidade burgueza jamais se regalou!...

Devo porém n'este ponto obterperar que, para o marido da actriz chegar a este resultado não é preciso uma rara sagacidade. O nosso homem não abdica, como já disse, mas também se não impõe. O sentimento da sua dignidade não attenua a norma do seu procedimento. Se é officialmente enganado, n'esta lamentavel situação patentea sem reserva um tacto que faz a mais subida honra ao seu character conciliador. A discrição do seu comportamento basta para se reconhecer n'elle o homem que sabe acceitar as duras necessidades da existencia; o philosopho que recebe tão cuidadosamente chegar de improviso, que mesmo em sua propria casa nunca pretende entrar n'um quarto que não bata primeiro á porta...

\* \* \*

Quando sua mulher faz alguma excursão artistica, o nosso heroe fica como expatriado. Falta-lhe a um tempo tudo quanto constitue a felicidade da sua existencia: os cavacos do camarim; o cheiro dos bastidores; as visitas demoradas á costureira, etc. Caem então no ram-ram da vida, para suavisar o qual ensina um cão, borda, dá o seu passeio ao campo, etc.; mas o seu mais efficaz litivo é refugiar-se nas suas saudosas recordações.

Se ao cabo de algum tempo a consorte o abandona, o que não tem nada de moderno, qual outro general que retirado do serviço

a cada instante rememora os episodios da fileira, o ex-marido actriz, apartado da vida do theatro, compraz-se em relatar á geração nova as campanhas em que sua mulher militou e os ferimentos que elle recebeu.

VIDIGAL SALGADO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE THOMAR

Pertenceu aos templarios este castello, representado hoje na nossa gravura, e que campêa sobre o monte que se ergue no extremo occidente da cidade.

Junto do castello está o magnifico convento das freiras de Christo.

O monte do castello estende-se do sul para o norte.

N'aquelle territorio houve outro castello, denominado de *Ceras*; não agradando, porém, este aos templarios, por sua má situação, resolveram elles edificar outro em posição mais do seu agrado.

O novo castello teve principio no 1.º de março de 1160, como se vê da inscripção que ainda agora existe ao lado da porta principal do convento de Christo e que resa o seguinte: *Regnante Alfonso illustrissimo militum. Templi, cum fratribus suis, primo die Marce cepit edificare hoc castellum nomine Thomar, quod prefatus Rex obtulit Deo et Militibus Templi.*

Perto do castello, em principio de construcção, existiam as ruinas de um templo e mosteiro, que fôra habitado por monges benedictinos, e no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria. D. Gualdim reedificou o e fez d'elle a cabeça da ordem do Templo, em Portugal.

Ao mesmo tempo cresciam os muros da fortaleza, á qual, e á povoação que se formava na planice, deu o mesmo D. Gualdim o nome de *Thomar*.

Os templarios auxiliaram poderosamente D. Affonso Henriques e ainda os seus successores em muitas das grandes empresas que elles tentaram e levaram a cabo para gloria da patria.

O castello de Thomar foi cercado em 25 de julho de 1190 pelo imperador de Marrocos, Jacob, que diligenciava acudir ao islamismo periclitante em Portugal, e ao mesmo tempo vingar se do destroço das suas armas, ante os muros de Santarem.

Ao aproximar-se o inimigo, os moradores da villa acolherem-se á fortaleza. Os marroquinos vingaram-se da resistencia que encontraram, queimando as casas, arrazando as povoações e levando para Africa 13:000 captivos. Dentro do castello de Thomar vê-se ainda uma inscripção commemorativa d'aquelle horrivel cerco.

D. Gualdim Pairs mandou reparar o castello, e reconstruir a villa, depois de desafortado o paiz da presença dos inimigos.

DR. JOÃO CHRYSOSTOMO MELICIO

A elle se deve a Exposição industrial que tanto temos admirado na Avenida da Liberdade. Essa obra patriótica realitou a o dr. João Chrysostomo Melicio com o seu talento, com o seu trabalho, com as sympathias que a toda a gente tem sabido inspirar, conquistando, pelo seu character lhano, affavel, integro, honestissimo, pela sua seriedade, tantas vezes provada, e pelo seu prestimo inumeras vezes evidenciado, a amizade sincera e a dedicação espontanea e firme de quantos com elle teem tratado.

Não tendo dependentes, porque nunca exerceu logar nenhum que lh'os desse, a cooperação que tem encontrado, só pôde ser tomada, como nós sinceramente a tomamos, como uma homenagem aos seus dotes distinctos, como uma recompensa que todos se empenham em dar ás brilhantissimas qualidades do seu bello character.

Aberta está a Exposição Industrial e é ella só por si o melhor testemunho do que vale o dr. Melicio. Conseguiu-o não sem grandes difficuldades, de que a sua tenacidade e bom criterio souberam triumphar, pondo de parte resentimentos e inimizades, para só attender ao exito do certamen nacional, chamando a si os bons elementos, sem procurar saber se elles pretenderiam empanar-lhe a gloria de haver posto em pratica a concepção de Antonio Augusto de Aguiar.

\*

O dr. João Chrysostomo Melicio, filho de um distincto medico, o dr. Joaquim Fernandes Melicio, já fallecido, entrou para a universidade de Coimbra aos 16 annos de idade, formando se em direito aos 21.



Aos 15 annos havia entrado no jornalismo e no dia em que escreveu o primeiro artigo filiou-se no partido em que milita ha 36 annos, que tantos são os que conta de jornalista.

Soldado fiel aos seus, entrou nas grandes luctas da imprensa politica, mas nem mesmo quando as questões tomavam o azeite proprio do nosso temperamento de meridionaes, a sua probidade foi posta em duvida, nem teve nunca que defender a sua honra atacada, facto que não é vulgar, e que, só por si, constitue o maior elogio que nós poderíamos fazer-lhe.

Por isso tem sympathias em todos os campos. Por isso foi sempre estimado pelos seus chefes politicos, a começar pelo nobre duque de Loulé, que tinha por elle uma paternal afeição.

O dr. João Chrysostomo Melicio foi deputado durante 20 annos por Leiria, districto que ainda hoje representa como par do reino electivo.

Como jornalista, foi redactor da «Gazeta do Povo», jornal historico, e correspondente em Lisboa, pelo espaço de 16 annos, do «Commercio do Porto», desenvolvendo uma actividade e um tacto de tal ordem na reportagem, que ainda hoje o seu nome é citado nos primeiros lugares, quando se enumeram os bons correspondentes.

Em novembro de 1880 adquiriu a propriedade do «Commercio de Portugal», folha que dirige desde então, defendendo o proteccionismo, mantendo assim o programma que o jornal apresentára ao declarar-se órgão do commercio e da industria portugueza.

Sem trahir a politica do seu partido, que defende moderadamente, já uma vez o vimos atacar os projectos de um ministro seu correligionario, que feriam grandemente os interesses do commercio.

Esse rasgo da sua imparcialidade valeu-lhe a grande sympathia, poderíamos até dizer o prestigio, que o seu nome tem hoje na classe commercial.

Amigo dedicado da familia real, e extrenuo defensor das instituições, nunca foi alvo dos odios republicanos, porque sabe discutir sem escandalisar, sabe defender as suas idéas e os seus principios com cortezia e sem ferir os brios e muito menos a honra dos que não commungam no credo monarchista.

O dr. João Chrysostomo Melicio é presidente da Associação Industrial Portugueza, importantissimo e honroso cargo que fora exercido por Antonio Augusto de Aguiar.

#### A FAMA

(Estatua do escultor francez, Antoine Mercié)

Os esculptores francezes, que são os primeiros do mundo, tiveram na ultima exposiçào Universal de Paris um vastissimo campo, aberto aos seus esforços e à sua imaginação, visto tratar-se de guarnecer de figuras allegoricas, resumindo pelos visitantes a origem e o fim do monumento. Acima de todas essas representações dos diversos paizes do universo, houve a feliz lembrança de collocar uma estatua colossal da Fama, interprete da França, convidando os povos à grande solemnidade da paz.

A execução d'esta estatua foi confiada a M. Antoine Mercié. O resultado de uma tal escolha não podia ser duvidoso.

O *David*, do joven artista, que lhe mereceu a cruz da Legião de Honra, quando era ainda simples pensionista da Academia de França, em Roma; a sua *Gloria Victis*, obra palpitante de patriotismo, e o grupo soberbo do *Genio da França, chamando os artistas ao Louvre*, destinado a substituir a estatua equestre de Napoleão III, de Barye, eram garantias segurissimas do exito que o artista devia alcançar na execução do melindroso trabalho, que hoje reproduzimos.

Para se fazer um juizo seguro de tão grandiosa estatua, era preciso tel a visto collocada no logar para o qual o insigne artista a concebeu.

A estampa é, porém, sufficiente para se admirar o arrojado da concepção.

Esta Fama revela, pela simples attitudo, a força e a energia; em tudo se denuncia a sua gloriosa missão; cinge-lhe a cabeça, não uma corôa de louros, mas a corôa da paz; na mão esquerda, sustenta outras corôas, destinadas a recompensar os seus eleitos; na direita, sustenta a sonora trombeta; em torno d'ella, fluctuam as pregas das roupas agitadas pelo vento; e em quanto que, apenas apoiada sobre um unico pé, parece querer elevar-se no espaço, as azas abertas sustentam-a atravessando os ares e pairando sobre Paris.

#### O DICTADOR DE ROMA, CAMILLO, VOTANDO UM TEMPLO À DEUSA CONCORDIA

Camillo (Marcus Furius), descendente da gens patricia Fúria, foi tribuno militar, em 404 antes de J. C.; depois d'isso, nomeado dictador, tomou Véies, submetteu os Falissecs, ferio os Romanos

pela magnificencia do seu triumpho, foi accusado de se ter apropriado d'uma parte dos despojos do inimigo, e expatriou-se. Depois da tomada de Roma pelos Gaullezes, em 490, o senado nomeou-o dictador. Refugiado no Capitolio, bateu os Barbaros, e mereceu o titulo de segundo Romulo. Foi ainda por tres vezes dictador, para combater os Equos, os Volscos e os Etruscos, derrotou os Gaullezes nas margens do Anio e restabelecer a concórdia entre os cidadãos, fazendo com que os plebeus podessem ser consules.

Camillo morreu da peste no anno 365.

A nossa gravura representa-o votando um templo à deusa Concordia.

#### O CASTELLO DE JOSSELIN

Josselin, cidade franceza do departamento do Morbihau, a 12 kilometros ao NO. de Ploermel, tem cerca de 3.000 habitantes.

Esta cidade foi outr'ora capital de Perhoet.

Tinha um castello, que se acha representado na nossa estampa, onde morreu o condestavel do Clisson, em 1497.

Foi tambem nos arredores de Josselin e na charneca de My-Voie que se deu, em 1331, o combate dos Trinta.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

Procura, que todos teem fogo, 2, 1.  
Está na musica, depois da quarta, este instrumento, 1, 1.  
O rochedo, é interjeição, e navio, 2, 1,

Eu conheço uma senhora  
Muito amiga de trocar,  
Que talha cada casaca,  
De pasmar!—1

Namora-se com certo musico  
Da phylarmonica d'aldeia;  
Mas quando ouve o instrumento  
A sereia,—2

Parece que de tempestade  
Escuta o rijo clamor  
E foge cheio de susto  
E horror!

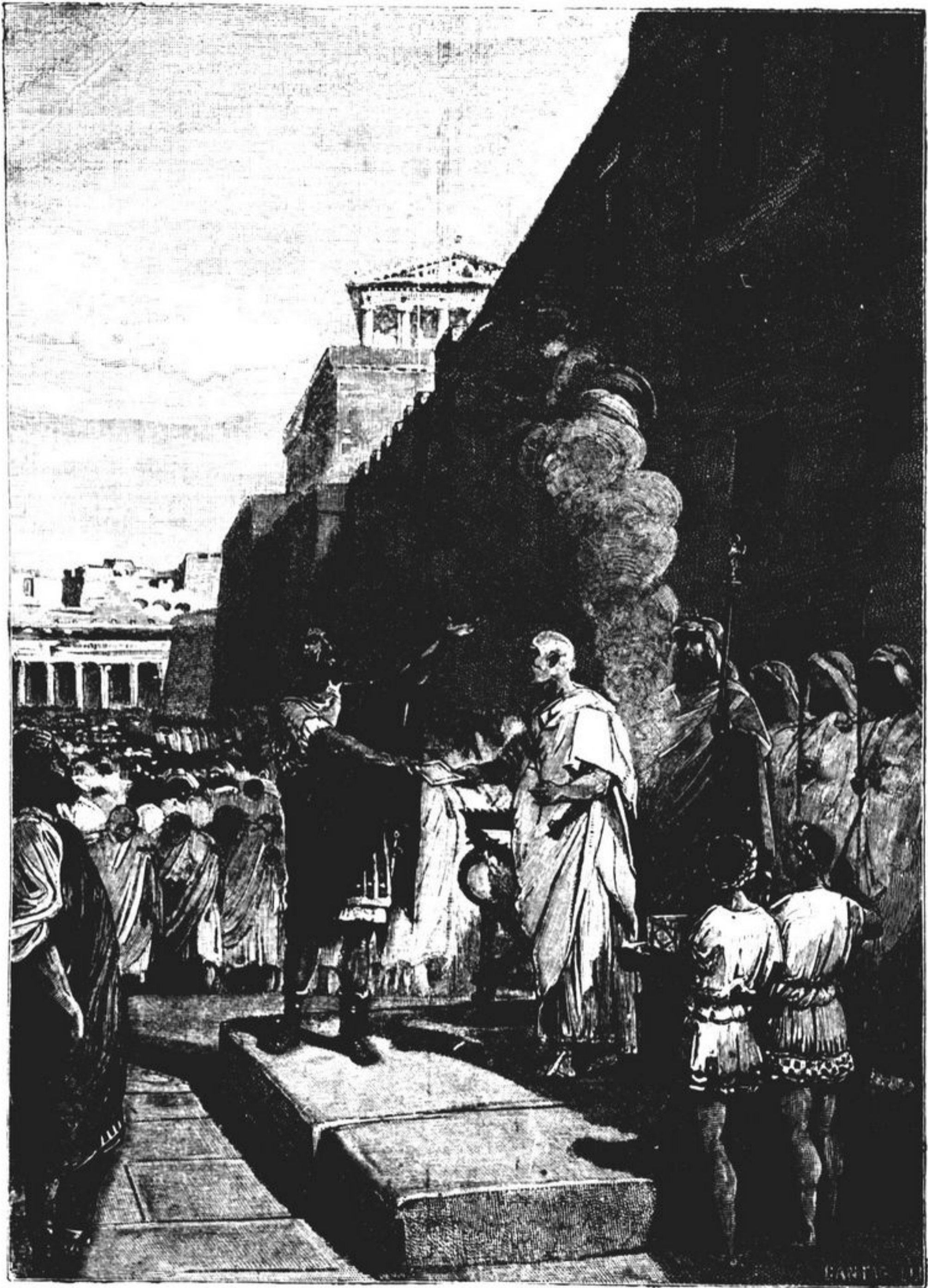
M. CARLINA C.

A folhagem bem verdinha  
É formosa,  
Sempre a vertical priminha  
Tem viçosa.

Se a segunda se aproxima  
É que a estraga;  
Se em peso lhe cae em cima,  
Logo a esmaga.

Prima horisontal, se é vero,  
O que li,  
Safal p'ra bem longe a quero  
Ja d'aquí!

Segunda, aldeia recorda,  
Veja bem;  
Oh! mas que cheirete a açorda  
Que ella tem!



O DICTADOR DE ROMA, CAMILLO, VOTANDO UM TEMPLO A DEUSA CONCORDIA

Temos diagonal primeira  
A inscrever se;  
A qual, em certa palmeira,  
Pode ver se.

Em segredo, vou dizer-lhe  
Que, guarida,  
A' final dê, que ha de encher-lhe  
A medida.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DA CHARADA DO ULTIMO NUMERO:

C  
a l i  
t r e n t  
a r d o s i a  
c l e o p a t r a  
i n s a n i a  
t i t i m  
a r a  
a

UM CONSELHO POR SEMANA

ESSENCIA DE SABAO PARA A BARBA

Sabão branco..... 875 grammas  
Aguardente secca .. 1000 "

Dissolva se o sabão na aguardente, e quando a dissolução esteja completa, aromatise-se com uma ou duas gottas, apenas, de essencia de amendoas amargas ou de outra qualquer, de aroma agradável.

A RIR

Em policia correccional:

O juiz.—O reu é accusado de ter batido n'um seu visinho.  
O accusado.—Estava embriagado, sr. juiz; julguei que elle era a minha mulher!

A' meza redonda, n'um hotel:

Um sujeito observa timidamente ao dono da casa que, no prato da sopa que acaba de lhe ser servida, ha uma peça de dominó; e accrescenta:  
—Póde verificar... é um duque e terno.  
—Sim senhor, vejo perfeitamente, é um duque e terno. Quer ia talvez que, por um jantar de crusado, fosse o doble-sena!

O CORO DOS ANJOS

(Conto, por D. PEDRO DE ALARCON)

(Traducção de A. Gallis)

Os ditos, as gargalhadas, e os epigrammas chegaram ao extremo.

Alexandre nada ouvia, mas adivinhava tudo.

Casimira reparou então em que havia já certo tempo em que só ella e Alexandre dançavam, e todas as mulheres os seguiam com a vista, rindo e cochichando mysteriosamente.

Pareceu-lhe que um punhal lhe atravessára o coração. Olhou-o, e viu-o pallido e abatido, com uma expressão de terrivel angustia no semblante.

Deteve-o então, com um movimento convulsivo, e sorrindo-lhe tão mansamente que a sua resignação teria commovido um tigre, disse-lhe:

—Obrigada. Estou cansada. Deixa-me. Dá uma volta por ahí.

Alexandre aproveitou a licença e dirigiu-se a procurar Luiz, a fim de perguntar-lhe se estava satisfeito.

—Sejam muito felizes, disse-lhe Mathilde quando elle passou.

—Tem muito bom gosto, murmurou Helena ao seu ouvido.

—Quando é a boda? perguntou a baroneza sem levantar os olhos para elle; e chamando depois com o leque um militar muito elegante, que a sollicitava havia tempo e que inspirava a Alexandre mais odio e despeito que zelos ou inveja, entabou com elle uma languida conversação a meia voz.

—Finalmente encontrou quem o ame, disse-lhe Marianna, entregando uma flôr ao secretario da Embaixada das Tres Estrellas.

—Quer dançar Elisa? balbuciou Alexandre, dirigindo-se á menina da rua do Principe, á rainha do seu coração, á espinga da sua vida.

—Deus me livre, Alexandre, respondeu a joven; para o fazer, ser a necessario que o senhor soffresse primeiro uma quarentena como os navios que veem de portos suspeitos.

Esta ultima ferida despertou a sua raiva, e decidido a rechazar força com força, voltou para o lado de Casimira. Compreendeu que se demonstrasse fraqueza seria devorado pelos seus inimigos.

Dançarei com ella toda a noite, pensou; fatigarei todas essas presumidas.

E dirigindo-se á feia, disse-lhe:

—Casimira, só me tinha esquecido pedir-te que não te compromettas a dançar com pessoa alguma. Quero ser teu par toda a noite.

O encargo era inutil e irrisorio, mas ella agradeceu-lh'o com um olhar sublime.

—Ouves? proseguiu Alexandre, tocam a valsa de Strauss que já dançamos duas noites. Dançemol-a como um brinde ao nosso amor, que nasceu ao compasso das suas languidas cadencias.

Casimira resistiu ao principio. Em seguida respondeu:

—Deixa que saiam alguns pares.

—Repara. Já estão tres. Vamos, continuou elle, trémulo o febril.

—Mas tu amas-me? perguntou a infeliz com voz agonizante.

—Se te amo?! Como nunca amei, como nenhuma mulher se não tu mereceser amada. Vem, vem, dancemos.

—Sim, dancemos, repetiu a pobre feia, cuja alma era theatro da mais espantosa lucta.

Toda esta conversação fôra escutada por Elisa.

Elisa, que vinha mandada pelo coro dos anjos para separar Alexandre de Casimira.

Elisa, de quem, como sabemos, Alexandre estava perdidamente enamorado, sem saber se era correspondido, porém suspeitando-o com algum fundamento.

Elisa, a rainha do salão, a menina impassivel, a dos languidos olhos negros, de bocca de purpura, de peito de deusa, de mãos de fada, e de voz de sereia.

Elisa, pois, chamou Alexandre.

—Perdoe-me, disse Alexandre a Casimira, quando a pobre creatura se dispunha a lançar-se na valsa, tendo já pousado o leque n'uma cadeira. Eu não me demoro.

O heroe do baile acercou-se da imperturbavel formosura.

—Temos muito que fallar, Alexandre—disse Elisa.

—Nós! exclamou elle trémulo de alegria.

—Sim. Seja meu par n'esta valsa.

—Esta valsa! balbuciou elle, tenho-a compromettida...

—Com a Casimira? atalhou ella, sentindo, ou fingindo que sentia grandes ciúmes. Bem não se demore, outro dia fallaremos.

Tenha a bondade de dizer a meu primo que o espero. Agora me lembro de que lhe havia offerecido dançar com elle toda a noite.

—Não, não lh'o direi, exclamou Alexandre, recordando as cousas que p'nára oito dias antes na rua do principe, ás oito da manhã.

E, como sempre que se approximava de Elisa, tudo esqueceu ante ella: o orgulho, a honra, a consciencia, a cortezia, a caridade, e por conseguinte, Luiz, Cypriano, a aposta, a baroneza do Cedro, e até a pobre Casimira. Aquella *coquette* de dezasete annos, aquella encantadora Elisa, sempre alegre, aquella implacavel tentadora, era muito mais forte que o libertino.

Elisa sabia o, e por fazer alarde d'esta força sacrificava diariamente a sua ventura e a d'elle, em logar de o arrancar dos braços da baroneza.

Alexandre começou a dizer-lhe apaixonadamente phrases, e ella manifestou-se-lhe affavel como nunca.

Não se sabe como os seus braços se enlaçaram, e esquecidos do mundo e de si proprios, lá foram no turbilhão da walsa!

Elisa era calculista. A solidez do seu talento podia comparar-se com a da sua vontade. Quem sabe se ao acceitar o papel de rival de Casimira, que lhe havia sido distribuido por todo o *complot* das suas amigas, satisfiz o seu proprio desejo de dançar com Alexandre toda a noite?

A verdade é que ella ia ufana e radiante nos braços do amante da baroneza.

A verdade é que se olhavam com fogo e se sorriam com doçura. A verdade é que formavam um par encantador, rico de ventura e de elegancia, proprio para causar inveja á velhice, á fealdade e ao frio desengano. Precisamente, acabaram de dançar em um extremo do salão, opposto áquelle em que se achava Casimira.

Ali permaneceram fallando meia hora.

Louco de amor e receioso, Alexandre perguntou a Elisa.

—Amas-me?

E ella respondeu-lhe vagarosamente:

—Não.

Os seus olhos no entanto diziam—sim.

Alexandre rendeu-se sem condições.

Dançaremos a primeira polka? perguntou-lhe elle pallido de ventura.

Sim—rsspondeu suavemente Elisa, cuja alma ningum poderia sondar n'aquelle momento.

—Elisa, lembras-te? murmurou Alexandre apaixonadamente.

—Deixa-me agora. A baroneza observa-nos.

Com effeito a baroneza, mulher pratica e esperta, começara a alamar-se, receiando que Elisa trabalhasse já por conta propria.

—Levantou-se pois a joven e disse-lhe:

—Procura-me quando preludiem a polka; e foi para o centro das suas amigas, gosar do effeito da sua victoria.

—Quem irá agora fallar a Casimira? pensou Alexandre vendo-se só. Chorar, accusa-me decerto de leviano e ingrato, e por outro lado Elisa julgará que me divirto com ambas.

Fez-se pois distraído.

Cypriano Luiz e chegaram n'essa occasião, e declararam-n'o, vencedor, em vista da angustia ciumenta que revelava o rosto de Casimira.

Effectivamente a desgraçada estava pallida como a morte, só, muda, abandonada, presa da mais horrivel desesperação.

—Quero ser teu par toda a noite—dissera-lhe Alexandre, e havia lhe feito a desfeita de ir dançar com Elisa!

Que cruel desengano! Que desilusão tão dolorosa! Que grosseria! Que infamia!

O *côro dos anjos* fallava em segredo, ria e indicava a umas ás outras.

A infeliz, com tão cruel soffrimento, estava mais feia ainda, se na verdade ainda podia ser mais do que já era.

—A orchestra preludiou uma polka.

Casimira esperou... não já amor, mas misericordia da parte de Alexandre.

—Porém Alexandre dançou a polka com Elisa!

—Casimira chorou então.

O *côro dos anjos* rio-se d'aquellas lagrimas.

Elisa fez parar, Alexandre perto de Casimira, sem que elle o percebesse.

—Falla-me da tua nova conquista... disse-lhe com a sua voz de serei.

A minha conquista! replicou Alexandre. Foi apenas uma aposta. Pergunta-o a Luiz e a Cypriano.

Como havia de eu amar essa deusa egypcia?!

Casimira ouviu estas palavras e cahio sem sentidos, soltando um grito.

A baroneza julgou fingido o desmaio.

O *côro dos anjos* apodou o de grotesco.

Casimira morreu.

Elisa aborreceu Alexandre e a baroneza trocou-o por outro. Desilludido e ferido no seu orgulho, só então elle soube avaliar quanto mais feliz não teria sido se tivesse acceitado com profundo respeito aquelle amor tão sincero e ardente que a pobre desherdada da belleza lhe offerecera.

A sua vaidade, e a cruel inveja das mulheres, tinham assassinado a pobre Casimira, cuja alma encerrava os mais preciosos thesouros.

Alexandre seguiu no mundo a sua vida de aventureiro caçador de amores faceis e estultos, enquanto Casimira, martyr e victima de uma affeição verdadeira, decerto brilhava nas azuladas regiões do empyreo, entre piedosos e verdadeiros coros de anjos indifferentes a sua fealdade, e sensiveis aos dotes preciosos da sua alma.

## A GREVE

Tinham casado de fresco. Ella, franzina, meiga, risonha e assejada na sua bata de percal, punha uma nota alegre em toda a casa. O papagaio cinzento, na janella, soltava o seu arre, arre estridulo como se estivesse em pleno sertão; os passaritos nas gaiolas chilreavam. O sol entrava triumphante até ao meio da cozinha, fazendo brilhar a bateria de folha de Flandres.

Era um encanto a residencia do José e da Margarida.

Quando elle, um operario honesto de vinte annos de idade, bigodinho louro, voltava á tarde da fabrica, pregava lhe logo á entrada um beijo e iam os dois, *bras dessus, bras dessous*, para a mesa.

Sobre a toalha branca, resplandeciam os copos e os pratos, evolvavam-se das guizadeiras os perfumes mais gratos.

E entre beijos, comiam como dois namorados para quem o futuro fosse tecido de esperanças. Era o idyllio da vida. A verdadeira poesia da existencia. Que lhes importava que, desde Virgilio até Hugo se houvesse cantado a vida e o amor em threnos de ouro? Sabiam elles d'isso, porventura? Era lhes preciso, para traçarem o seu poema, outra inspiração que não fosse a natural? outro amor que não fosse o seu? outra linguagem além dos seus olhares commovidos e dulcissimos? outro rythmo além do dos seus labios purpurinos e frescos? outro publico além d'elles dois?

Oh! não. D'esse poema colossal da vida em que se necessita dois collaboradores—o homem e a mulher, e que leva a ser escripto, toda uma existencia, e sempre tão novo e variado, tão commovente e imprevisito, elles eram os unicos auctores e leitores, eram o publico de si mesmos, conhecendo instinctivamente que é n'isso que consiste o segredo da felicidade domestica.

A Margarida era uma boa rapariga, amavel, sem paixonetas romanticas e sem piano.

O José era igualmente um bom rapaz, meigo e trabalhador, com um grande culto pela familia.

A sua fêria muito rasoavel, dava-lhes para passar sem cuidados no modesto pé em que tinha organizado o seu «ménage». Chegavam a invejar o os outros operarios, aos quaes o desmazelo das esposas e a imprevidencia propria, fazia passar privações que teria sido facil evitar.

Mas recentemente, uma d'estas oscillações de salarios que, na actualidade, substituiram no mundo operario as antigas fomes dos populares, desencadeou se sinistra na industria fabril, e como consequencia immediata, produziu as greves.

O José, como todos os individuos felizes, nunca pensara na solidariedade e no poder da associação. Conturbado, agora, por essa crise que lhe mostrava de subito, pela primeira vez, uma das faces do sombrio problema da vida operaria, sentiu que uma nodoa negra apparecia nas azas brancas da sua felicidade.

O machinismo social é esmagador. Sem recursos no lar, todo o sonho dourado da existencia feliz se desfaz como uma illusão que é.

Muito novo e ignorante da vida, o excellente rapaz sentiu se colhido na engrenagem, sem saber como sair. N'isto, estalou a greve. Os seus companheiros, irritados, resolveram resistir. E foram creadas as caixas de soccorros ás familias, a sopa economica aos solteiros e viuvos, puzeram-se de parte as cartas nos clubs e entrou-se n'uma effervescencia apaixonada de sessões permanentes, nomeou-se commissões de vigilancia, formou-se uma liga poderosa, ornaram-se as paredes com emblemas revolucionarios, creou se pequenas gazetas socialistas, recorreu-se ao meeting, do meeting á representação e d'esta á arruaça.

Um sopro de vida estranha, tinha animado como por encanto a grande familia operaria. Era bello ver como o leão popular sacudia a juba e rugia. Estavam frente a frente, o operario e o burguez. no preludio da grande lucta de amanhã.

Mas se um tal espectáculo era bello para a galeria, era das mais terriveis consequencias para os actores. No lar do José, por exemplo, já a pequena e meiga Margarida não tinha o seu sorriso angelico: a angustia, o terror do futuro, aniquillavam-a, e não fazia senão interrogar o marido:

—Quando é que este estado de cousas acabará?

Esta pergunta era toda um poema de privações, como é facil de adivinhar.

Até que elle, irritado por tudo e contra tudo tudo, pelo mau resultado da greve, pela funesta idéa de ter seguido a vida operaria, excitado pela atmosphera dos clubs, pelas libações indeclináveis da tabacaria, pelo odio contra o burguez que lhe principia a invadir a alma, substituido a indifferença e a ingenuidade até ali enthronisadas no seu sentir, respondeu á doce e meiga Margarida com mau modo:

—Acabe por uma vez com as suas perguntas. Ellas não fazem senão ralar-me. Isto hade acabar quando acabar. Os patrões não querem ceder...

E ella, timidamente:

—Mas quem é pobre, que remedio tem senão sujeitar-se?

—Isso nunca! Sujeitar-mo-nos, nós, os operarios? Nunca! Estúpida! Não percebe que se cedermos, arrancam-nos então a pelle em reduções successivas!

—Filho...

—Eis o que são as mulheres! continuou o José exaltado. Não casasse com um operario, se não queria tragar estes dias de fome e de miseria.

—Mas...

—Não ha aqui mas, nem meio mas. Bico calado! E é resignar. Tambem as mulheres dos outros companheiros soffrem.

E saiu como um furacão para o meeting, onde o seu mau humor e o seu temperamento sanguineo explosiu em imprecações vehementes, transbordantes de amargor, a que a sua simplicidade dava um colorido selvagem que lhe conquistou os furos de bom orador e o odio dos patrões.

O desgraçado inconsciente, foi apontado logo pelos espiões como cabeça de motim, e quando se extinguiu a greve por falta de recursos, e os operarios se submeteram, o José foi despedido.

Começaram então os dias negros, medonhamente negros. O anjo da paz bateu as azas diaphanas, voou a horisontes mais limpidos. Caiu a fome no lar com todo o seu cortejo de horrores.

O José, como todos os homens violentos, ficou esmagado ante a desgraça, e só da sua bocca saiam imprecações inúteis. Então, a boa e doce Margarida, heroica e resignada, sem lhe dizer uma palavra, dedicou-se ao trabalho com essa tenacidade da mulher debil, só comparavel á da formiga. E a lavar e engomar noite

e dia, chegou a ganhar quasi tanto como o José antigamente trazia da fabrica.

E pouco a pouco, o conforto entrou de novo em casa, os objectos empenhados voltaram do prego, houve vinho á mesa, sobre uma toalha branca, fresca e engommada. O papagaio gritou de novo á janella o seu eterno arre, arre, e os passaritos chilrearão contentes ante os comedoiros repletos.

A Margarida, tanto pediu a occultas do marido, que conseguiu que elle fosse admittido na fabrica. Foi um dia de jubilo para ambos, especialmente porque o José, na sua eterna ingenuidade, suppoz que os patrões o tinham espontaneamente chamado.

Quando, no primeiro dia de trabalho, elle regressou da fabrica, vinha radiante, e ao apertar como outr'ora nos seus braços musculosos a Margarida, sentiu-a tremer de commoção e levar disfarçadamente o lenço á bocca. Com um repente, tirou-lh'o e viu o tingido de sangue. Então, com a voz cortada por soluços, murmurou, fitando-a longamente:

—Minha boa Margarida! Minha santa amiga! Perdoa-me!

Ela poz lhe a mão na bocca, graciosamente.

—Não, não quero que trabalhes mais! continuou elle. A greve matou-te.

E como ella protestasse, tentando sorrir e tentando impedir a tosse, elle, tomando-a pela mão, approximou-se de um espelho grande e apontando para as suas duas imagens reflectidas, disse com uma tristeza esmagadora:

—Tu estás prompta, meu anjo! E eu o que tenho envelhecido n'um anno!

E exaltando-se:

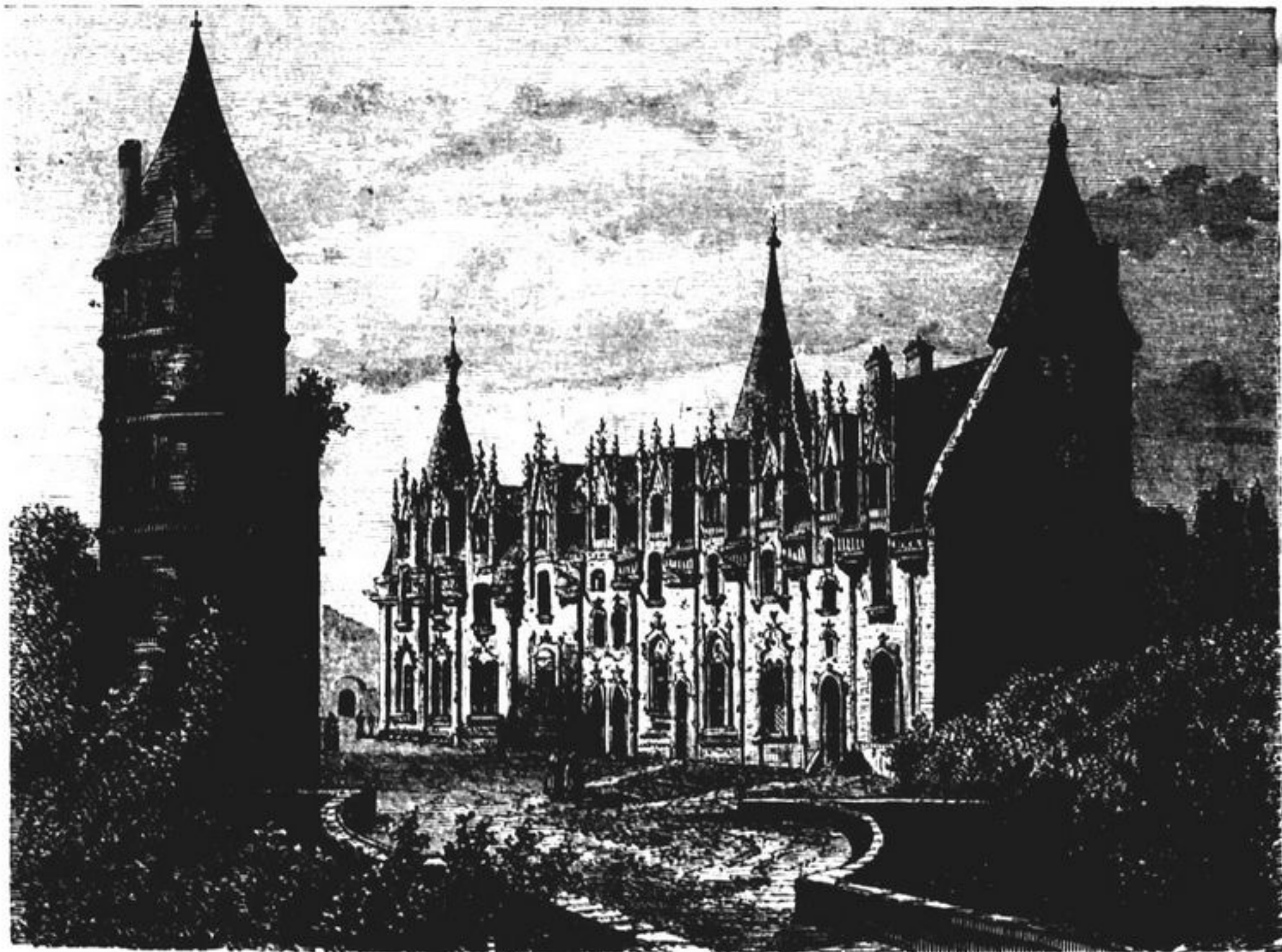
—Eis o que é a vida!

E estreitou contra o seio a pobre rapariga, mas os seus abraços já não tinham calor, traduziam simplesmente a resignação de dois entes que se amparam.

Effectivamente, um anno depois, a Margarida tinha desaparecido d'este mundo. No momento derradeiro, foram estas as suas ultimas palavras:

—Livra-te das greves.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



O CASTELLO DE JOSSELIN